

O papel da leitura na construção de saberes e prática social

The role of reading in the construction of knowledge and social practice

DOI:10.34117/bjdv7n1-606

Recebimento dos originais: 22/12/2020

Aceitação para publicação: 22/01/2021

Jaiana Bezerra de Assis

Especialização em Língua Portuguesa e Literatura (UECE)

E-mail: jaianaigt@hotmail.com

Samuel Ilo Fernandes de Amorim

Mestre pela Universidade Regional do Cariri

Professor na Faculdades Integradas do Ceará (UniFIC)

E-mail: samuel_ilo@hotmail.com

Diana Clementino de Oliveira

Mestre em Ensino de Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Professora na Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC)

E-mail: diana.sousa09@hotmail.com

Luziete Jorge da Silva

Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional

Professora na Faculdades Integradas do Ceará (UniFIC)

e-mail: luzietejorge@hotmail.com

Jackeline Sousa Silva

Mestre em Letras

Professora na Faculdades Integradas do Ceará (UniFIC)

E-mail: jackelineacopiara@gmail.com

RESUMO

Este trabalho aporta sobre a importância da leitura na formação de sujeitos pensantes e críticos no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo da criança, bem como ser instrumento de transformação e participação social. Assim tem-se como objetivo analisar a contribuição da leitura na formação do sujeito/leitor competente para que venha a intervir na sociedade. Utilizou-se de uma abordagem qualitativa-descritiva, dedutiva e bibliográfica, subsidiada pelos estudos de Paulo Freire, Foucambert, Maria Teresa Andruetto, Rildo Cosson, Magda Soares, além de legislações educacionais vigentes. O estudo faz uma discussão sobre o ato de ler, a leitura em tempos de conectividade, o leitor como agente transformador e a escola na mediação da leitura. Conclui-se que o ato de ler pode influenciar na formação do sujeito pensante, crítico e o quanto a leitura pode afetar a vida do sujeito na sua ação contínua e libertadora.

Palavras-chave: leitura, leitor consciente, transformação leitora.

ABSTRACT

This article is about the importance of reading in the formation of thinking and critical subjects in the teaching-learning process and in the child's cognitive development, as well as being an instrument of transformation and social participation. Thus, the objective is to analyze the contribution of reading in the formation of the competent subject / reader so that he may intervene in society. A qualitative-descriptive, deductive and bibliographic approach was used, supported by studies by Paulo Freire, Foucambert, Maria Teresa Andruetto, Rildo Cosson, Magda Soares, in addition to current educational legislation. The study discusses the act of reading, reading in times of connectivity, the reader as a transforming agent and the school in the mediation of reading. It is concluded that the act of reading can influence the formation of the thinking, critical subject and how reading can affect the subject's life in its continuous and liberating action.

Keywords: reading, conscious reader, reader transformation.

1 INTRODUÇÃO

A leitura tem grande significação para o sujeito e nas suas diversas formas (imagens, gestos, textos, sons, etc.) ela cumpre o papel de informar e construir conhecimentos, colaborando com o imaginário, memória, reflexão dos variados assuntos, trato com as informações, novas descobertas e senso crítico ao dar suporte para debate seguro e consciente em abordagens específicas.

Portanto, o ato de ler possibilita uma melhor compreensão da realidade a qual o sujeito está inserido, dando mais elementos para pensar, refletir e se posicionar de forma consciente e crítica sobre sua realidade e condições de vida. A leitura é, dentre tantos significados, libertária e emancipatória (SILVA, 2011).

A discussão e reflexão sobre a temática se justifica pela necessidade de um olhar mais sensível e aguçado para as possibilidades de desenvolvimento no ato de ler, pela necessidade de se valorizar a prática leitora e sistematizar seu exercício desde a educação infantil, o que contribui significativamente para que não encontremos tanta leitura mecânica, desmotivada, incompreensão e falta de vivacidade

Nessa perspectiva, observa-se a que a leitura vai muito além do objeto lido (seja ela qual for) e começa antes do contato com ele, quando se leva em consideração que o leitor é mais que um mero ser passivo e pode ser influenciado pelas pessoas que o cercam. A leitura nada mais é do que um diálogo que leva em conta o indivíduo, a mensagem, o ambiente, o tempo, o estado de espírito dos seres atuantes e muitos outros fatores situacionais (LIMA; ASSUNÇÃO; COUTINHO, 2019).

Diante desse cenário, emerge o questionamento: Como a leitura pode contribuir na construção de saberes e prática social? Assim, torna-se relevante a discussão sobre

processo de ler, haja vista ser uma prática que pode influenciar o modo de agir no mundo e constituir uma formação mais cidadã, principalmente quando estimulada nas séries iniciais, sendo indispensável o conhecimento de seu desenvolvimento e mediação dos professores.

Esse trabalho tem como objetivo discorrer sobre os conceitos de leitura, tipos de leitores, a leitura significativa e de mundo, o leitor como agente transformador, a leitura na conectividade, a escola na mediação da leitura e como ela pode transformar a percepção do sujeito, considerando não somente a leitura do escrito, mas também a leitura de imagens, gestos, sons, movimentos e os diversos sinais em volta do leitor que podem provocar interpretações e conhecimentos.

2 METODOLOGIA

Utilizou-se de uma abordagem qualitativa-descritiva, exploratória, dedutiva e bibliográfica. Para a discussão da temática foram consultados e citados autores com vastos e relevantes estudos voltados para a área da leitura e da educação, como Andruetto, Cosson, Colomer e Camps, Ezequiel T. Silva, Magda Soares, Ferreiro, Azevedo, Paulo Freire, Fulgêncio e Liberato, Foucambert e Weisz. Além disso, foram consultadas pesquisas e documentos legais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica, Parâmetros Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum Curricular.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O ATO DE LER

Partindo da etimologia da palavra, do latim *Legere*, ler significa colher, escolher e recolher (DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO, 2008), ou, ainda, do dicionário Luft (2009), ler é inteirar-se do conteúdo, pronunciar em voz alta, entender ou decifrar o sentido, adivinhar, predizer, ver e interpretar o que está escrito e decifrar letras. Sendo assim, percebe-se que o ato de ler é uma ação complexa que envolve muitas habilidades, desde um decifrar de signos a uma interpretação e reiteração que ganha vários significados ao ser analisado junto ao meio em que pertence o leitor.

Para Rocha (2013) ler é enxergar o mundo, perceber o que está à sua volta e compreender os sinais. Não está tão somente nas letras, mas nas imagens, sinais e conhecimentos prévios. Assim, a forma de ver o mundo relaciona-se com os saberes acumulados desde o nascimento. E tão logo os anos avançam, a complexidade da leitura e escrita também ficam mais complexos, exigindo maiores desafios diante das leituras,

bem como interpretações de imagens, sinais e escrita. Contudo, não é apenas uma questão de saber e exercitar a leitura, mas também empoderar-se por essa prática e o que ela pode proporcionar.

Nesse horizonte, ensina Andruetto (2017) que não se deve ler apenas por ler, mas ser um leitor capaz de permitir que o texto o afete em seu próprio ser, em seu íntimo e o leve por novos caminhos do conhecimento. Dessa forma, deixar-se afetar pelo texto é permitir-se a construção de uma relação entre os elementos que compõem a leitura e participar de um encontro de saberes e de muitas descobertas.

Cosson (2019) traz o ato de ler como uma troca de sentidos entre leitor e escritor e especialmente com a sociedade em que ambos estão inseridos, e, ainda, que esses sentidos são dados pelo compartilhamento de visões do mundo entre o homem, o tempo e o espaço. Assim, a leitura passa a ser considerada dialógica, pois ao ler, o indivíduo se comunica com o escrito, o seu mundo se conecta com o mundo do outro e estabelece um sentido.

A leitura é, portanto, na sua função de comunicar conhecimentos e sentidos, responsável por provocar o pensamento, refletir as situações, formular ideias e conclusões de determinados assuntos, possibilitando reconhecer sua realidade e dando suportes para agir de forma consciente na sociedade. Para Foucambert (1994) ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo e construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se sabe.

E nessa junção de saberes, vai se formando um leitor maduro, capaz de decifrar as entrelinhas, que dialoga com segurança, ciente da sua fala e de seu ponto de vista, que a cada nova leitura vai construindo novos significados para seus questionamentos e sempre se refaz, pois a formação é contínua. Ler é uma ação inacabada e a cada exercício seu, em diferentes momentos, vão surgindo novas reflexões. Assim, o mesmo texto ou imagem pode transmitir de diversas formas, a depender do objetivo da leitura (distrativa, reflexiva, mecânica), o momento (tempo e espaço) em que se está lendo, a situação e estado do sujeito.

3.2 O LEITOR EM TEMPOS DE CONECTIVIDADE

O significado da leitura não se alterou nas últimas décadas, dado que ler bem é mais que decodificar, exige habilidades diversas e está voltada para a construção de sentidos e ações críticas e coerentes com a realidade. Contudo, embora o significado do ato de ler não tenha se alterado, as formas de exercitar a leitura ganham novos suportes.

Com o advento, expansão e desenvolvimento da internet, todo o mundo fica acessível para a chamada globalização das informações, podendo o internauta viajar pelo mundo e conhecê-lo no acesso de imagens, vídeos e textos, possibilitando um acúmulo de informação.

Assim, na perspectiva de que ter informação não significa ter conhecimento, mas que para ter conhecimento é necessário ter informação, num espaço de compartilhamento e propagação de informações, esse fenômeno exige ainda mais do leitor que precisa se preparar para lidar com o número e qualidade de informação, bem como na velocidade com que chegam e mudam.

Contudo, nos dias atuais, com os vários dispositivos digitais, como e-books, e-readers, tablet, smartphones, notebooks conectados em redes sociais e aplicativos, o ensino e a leitura assumem outras vertentes, posturas, gestos e linguagens que já estavam em processo de ascensão, mas que com o novo cenário mundial é acelerado, com várias adaptações e apropriação de ferramentas digitais que até então não eram bem vistas como instrumento de aprendizagem e de fortalecimento do leitor (SOUSA, 2018).

Entendendo o espaço digital não como única forma de acesso, por distanciar os níveis sociais e aumentar a desigualdade, mas como uma ferramenta a mais de busca de conhecimento, é possível encontrar gêneros diferentes e atrativos ao alunado por meio da conectividade e dos dispositivos digitais, assim como de novos leitores que foram se adequando às mudanças da sociedade.

Assim, aponta SOARES (2002) ao afirmar que, com as novas tecnologias, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a sua condição, ou seja, ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico e faz suceder a navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margens nem limites. Essas mutações comandam, inevitavelmente e imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com a escrita, novas técnicas intelectuais.

O leitor, portanto, necessita preparar-se para situações mais complexas nesse novo cenário virtual. Dessa maneira, faz-se necessário conhecer as funções e possibilidades que a internet e as redes sociais disponibilizam, bem como os seus riscos (fake News, hackers, clonagens de contas e informações pessoais, assédios e mais).

Para BRASIL (2018), ser familiarizado e usar, não significa necessariamente levar em conta as dimensões ética, estética e política desse uso, nem tampouco lidar de forma crítica com os conteúdos que circulam na *web*. Não se trata de querer impor a tradição a qualquer custo, mas de refletir sobre as definições desses limites e de desenvolver

habilidades para esse trato, inclusive refletindo sobre questões envolvendo o excesso de exposição nas redes sociais.

Assim, o espaço virtual exige novas habilidades do leitor, com compreensões amplas que perpassam o lido, sua realidade socioeconômica e política e adentra em um mundo paralelo cheio que situações adversas próprias do digital. Manter os princípios de ética, estética e política é fundamental para um bom uso do ciberespaço.

Na era digital faz-se destaque para o leitor que está em ascensão: o leitor ubíquo. Partindo da definição do minidicionário Luft (2009), ubíquo significa estar em toda parte. Assim o leitor ubíquo seria o que pode ser encontrado em todos os lugares e que realiza a leitura em diversas formas, tendo como aliado a conectividade da internet.

O leitor entra e sai da informação a qualquer instante a um simples toque de tela, o que o possibilita passear por muitos mundos de informação e conhecimento (SANTAELLA, 2014). Com o avanço desses novos suportes, o leitor tem um novo modo de ler, sem alterar o significado da leitura e importância de se ler “bem”. Logo, a relação entre leitor e escritor pode estar mais estreita visto que aquele tem a possibilidade de comentar, sugerir, gerar discussão em espaços virtuais que chegam ao autor da obra e ali estabelece um diálogo mais próximo. A leitura ganha um espaço mais dinâmico, interativo com potencial de atrair aqueles leitores menos assíduos para leituras mais rotineiras (SOARES, 2002).

O espaço digital tem suas particularidades, formas de acesso à leitura e facilidade de desviar de ações mais complexas (um simples toque de notificação pode desfocar o leitor e mudar o sentido da leitura). Isso acarreta em buscar novas maneiras de incentivar o gosto pelo ato de ler e o exercício significativo, reflexivo e crítico. Apresentar ao leitor/educando as possibilidades que o ciberespaço oferece, mostrar como acessá-los, como agir dentro deles e suas funcionalidades são ações simples que já garantem o uso correto das ferramentas (SOUSA, 2018).

Conhecer o campo que vai adentrar, em seguida as capacidades de interação, com os cuidados devidos e os riscos precavidos, fazer uso desses instrumentos de aprendizagem em sala de aula respeitando a faixa etária e realidade dos alunos contribuem para o bom uso da internet e os gêneros digitais vêm para agregar e fortalecer a prática leitora. Aproximá-los da realidade virtual no que se refere a conhecer e usar com propriedade também é trabalhar a realidade da sociedade e preparar para os desafios do mundo pós-moderno e informatizado e tantos outros propósitos sociais.

3.3 A ESCOLA E A MEDIAÇÃO DE LEITURA

A escola é um espaço de trocas de conhecimentos e de novas descobertas, onde é estabelecida uma relação de ensino-aprendizagem entre os sujeitos pertencentes à comunidade escolar, em especial, entre alunos e professores. Mas qual o papel da escola na formação do educando? É preciso bastante cuidado ao atribuir papéis à escola na formação do alunado ou da própria sociedade. Muitos conferem ao espaço educativo a responsabilidade pela transformação do aluno e da sua realidade, no entanto existem fatores que estão intimamente ligados à família e comunidade ao qual pertence.

A educação escolar deve constituir-se em uma ajuda intencional, sistemática, planejada e continuada para crianças, adolescentes e jovens durante um período contínuo e extensivo de tempo, diferindo de processos educativos que ocorrem em outras instâncias, como na família, no trabalho, na mídia, no lazer e nos demais espaços de construção de conhecimentos e valores para o convívio social. Assim sendo, deve ser evitada a abordagem simplista de encarar a educação escolar como o fator preponderante para as transformações sociais, mesmo reconhecendo-se sua importância na construção da democracia (BRASIL, 1997, p. 42).

Tomando-a como espaço de mediação de saberes e sendo a leitura um desses saberes, é na escola que o ato de ler se concretiza. Nesse aspecto, dois grandes desafios emergem: primeiro romper com as práticas mecânicas de leitura, compreendendo que a decodificação não é o ponto final do desenvolvimento da leitura, mas um nível que precisa ser superado para atingir a interpretação e que a leitura é um processo contínuo. Nesse sentido, as instituições de ensino precisam refletir sobre que tipo de leitor está sendo formado e qual leitor se quer em sociedade, repensar a prática pedagógica de modo que suas ações provoquem reflexão e liberdade de pensamento nos educandos e eles possam formar opiniões e ações coerentes no contato com os diversos materiais de escrita.

O outro desafio consiste no trato com as novas tecnologias, a internet e as redes sociais. A internet expandiu-se pelo mundo e invadiu o cotidiano da maioria das famílias, bem como os espaços de trabalho e lazer. Sendo algo tão real, a escola como lugar de disseminação cultural e de discernimento de conhecimento, confere espaço de saber e discussão das novas linguagens e gêneros digitais próprios do mundo virtual e os leitores precisam se apropriar no sentido de conhecer e saber utilizar de maneira consciente.

O poder de disseminação de uma informação em rede é enorme e pede do leitor mais discernimento e habilidade de interpretação e reflexão. Portanto, cada vez mais a capacidade para criar, inovar, imaginar, questionar, encontrar soluções e tomar decisões

com autonomia assumem importância e a escola tem o papel de contribuir para a formação de indivíduos ativos e agentes criadores de novas formas culturais (BRASIL, 1998).

A incorporação das inovações tecnológicas só tem sentido se contribuir para melhoria da qualidade do ensino. A simples presença de novas tecnologias na escola não é, por si só, garantia de maior qualidade na educação, pois a aparente modernidade pode mascarar um ensino tradicional baseado na recepção e na memorização de informações.

É preciso a participação conjunta dos profissionais (orientadores, supervisores, professores polivalentes e especialistas) para tomada de decisões sobre aspectos da prática didática, bem como sua execução. Essas decisões serão necessariamente diferenciadas de escola para escola, pois dependem do ambiente local e da formação dos professores. A qualidade da intervenção do professor sobre o aluno ou grupo de alunos, os materiais didáticos, horários, espaço, organização e estrutura das classes, a seleção de conteúdos e a proposição de atividades concorrem para que o caminho seja percorrido com sucesso (BRASIL, 1997).

Na perspectiva da escola ser um espaço de trabalho efetivo e sistemático da leitura, a imagem do professor aparece como essencial no processo de formação leitora, visto ser o profissional da escola que atua diretamente com os alunos na mediação do conhecimento e que ao reconhecer as limitações, anseios e dificuldades do alunado, lança sobre eles um olhar sensível utilizando ferramentas de ensino com o objetivo de promover uma aprendizagem significativa.

Sendo assim, um bom mestre transmite, além de conhecimentos específicos, um modo de estar no mundo, uma concepção de vida, se preocupa em conhecer o seu aluno, que respeita suas particularidades, que o reconhece como ser único dotado de muitos saberes, que permite o protagonismo do educando, acompanha seu desenvolvimento e valoriza o diálogo (ANDRUETTO, 2017).

Quanto à leitura, mais especificamente, o educador tem o papel de incentivar o gosto pela ação de ler, despertar a curiosidade para o que está escrito. De acordo com os PCNs, Língua Portuguesa, (1997, p. 58) “para os alunos que não são acostumados em atos de leitura, que não conhecem o calor que possui, é fundamental ver seu professor envolvido com a leitura e o que conquista por meio dela. Ver alguém seduzido pelo o que faz pode despertar o desejo de fazer também”.

Dessa forma, o docente, precisa compreender o processo de leitura, seus níveis e possibilidades de progressão, respeitando o lugar e limitações dos educandos, desafiando-

os dentro de suas capacidades, pensando na formação leitora crítica, e no poder de transformação que sua ação provoca no leitor (BRASIL, 1997).

Nessa perspectiva, existem metodologias que podem contribuir para um melhor desenvolvimento das habilidades leitoras. Entre tantas estratégias de ensino capazes de contribuir para a formação de crianças leitoras, o jogo, por seu caráter lúdico, permite que os objetivos pretendidos possam ser alcançados com criatividade e alegria (OLIVEIRA, 2011).

Essa ampliação de possibilidades de aprendizagens, de estratégias, enriquecem as aulas ao passo que o aluno se torna autor de conhecimentos. As metodologias ativas como jogos, aprendizagem por projetos, times, sala de aula invertida, aprendizagem baseada em problemas, uso de plataformas digitais de ensino e outras ferramentas virtuais, se concretizam na busca pela participação ativa do aluno (GAROFALO, 2018).

Algumas estratégias trazidas nas metodologias ativas não são novidades para as escolas que há muito tempo trabalha na corrente construtivista que visa justamente o protagonismo do educando através da ludicidade e criatividade, tendo como foco também a formação crítica, pensar e refletir suas ações e a realidade do mundo, valorizando os saberes, vivências e experiências dos alunos (GAROFALO, 2018).

Ainda sobre métodos de ensino, Cosson (2019) ressalta sua experiência no trabalho com a leitura significativa a partir de obras literárias, como o caminho que a literatura realiza na construção crítica do leitor. Acrescenta o autor que ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos.

Muitas são as ideias de abordagem da leitura e de como construir um exercício crítico e consciente, no entanto, as metodologias por si só não farão efeito sem uma postura adequada do docente. O professor precisa traçar objetivos de aprendizagem, se apropriar do processo, avaliar o progresso dos alunos e os métodos de ensino, refletir suas ações e se necessário mudar de estratégia ou de atitudes.

As atitudes do docente, como resposta de uma ação do aluno também pode favorecer ou inibir o desenvolvimento cognitivo do estudante. Muito comum dessas atitudes são as repressões ao erro. Reconhecer o esforço do aluno, atribuindo questionamentos para que o aluno pense e encontre uma resposta coerente é uma forma de valorizar suas tentativas e contribuir no desenvolvimento cognitivo (WEISZ, 2019).

3.4 O LEITOR COMO AGENTE TRANSFORMADOR

O conhecimento não pode ficar guardado como algo individual e solitário, o saber precisa tomar o coletivo e ser solidário, assim ele cumpre com parte do seu papel social. Assim, para o eficaz uso da leitura é necessário passar pelas suas etapas até encontrar-se com a interpretação, fator indispensável para que o leitor construa sentido e aja como agente. Ler um texto, por exemplo, e ficar apenas na decodificação é limitar o sentido da leitura. No poder de provocação que possui o texto, ler é abrir-se para novos caminhos, dialogar com o autor, questioná-lo, enxergar as entrelinhas (ANDRUETTO, 2017).

Ainda reitera o autor, a leitura é um convite para decifrar o que não foi dito, o que está escondido, e no passo que a leitura vai se arrastando o conteúdo o detém. E ainda, ler é deixar-se afetar pelo conhecimento, se permitir no risco de se transformar e transformar o outro. A interpretação é fundamental nesse processo de apropriação do saber, e para que ela aconteça dois pontos são discutíveis: a compreensão do que é lido, porque a interpretação se dá a partir da análise e reflexão da compreensão; e a leitura de mundo, além de conhecimentos prévios (COSSON, 2019).

Pensando nisso, no ponto da compreensão, o leitor irá se apropriar do lido, irá questionar as entrelinhas, pesquisará, buscará respostas. No entanto, esse ponto, às vezes, demora a ser atingido pela falta de incentivo, despreparo e compreensão dos mediadores, fontes inadequadas para decodificadores, e outros fatores. O fato é que a leitura tem que ser adequada ao nível em que se encontra o leitor (COSSON, 2019).

Nesse sentido, um sujeito que apenas decodifica, demorará chegar à compreensão ao se deparar com sentenças de frases longas, invertidas, negativas duplas, explicativas dentro das frases, termo dentro de outro, vocabulário inacessível como palavras rebuscadas ou gírias improprias da sua realidade e conceitos desconhecidos. (FULGÊNCIO; LIBERATO, 1996)

Esses são elementos que dificultam a assimilação da mensagem e a retomada de sentido, principalmente se o sujeito possui uma leitura pausada, em que a previsão e a inferência são mais complicadas para serem realizadas pelo próprio leitor. Daí a importância da adequação da leitura para cada nível leitor e faixa etária. Claro que o leitor precisa ser desafiado para ampliar sua capacidade leitora, vocabulário, poder reflexivo, e atuação em sociedade, mas dentro das suas possibilidades. “Quando lemos, não estamos jogando unicamente com aquilo que é expresso explicitamente, mas também com um

mundo de informação implícita, não expressa claramente no texto, mas totalmente imprescindível para compor o significado”. (FULGÊNCIO; LIBERATO, 1996, p.80-81).

Optar pela leitura é, então, sair da rotina, é querer participar do mundo criado pela imaginação de um determinado escritor. Ler é, basicamente, abrir-se para novos horizontes, é ter possibilidade de vivenciar outras alternativas de existência, é concretizar um projeto consciente, fundamentado na vontade individual. Saber ler e executar esse ato, crítica e frequentemente é, em última instância, possuir mais elementos para pensar sobre a realidade e as nossas condições de vida (SILVA 2011).

Como afirma Paulo Freire (1989), a leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí a linguagem e realidade se prenderem dinamicamente e a compreensão do texto a ser alcançado por sua leitura crítica, implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Para esse autor, são necessários conhecimentos prévios da realidade para fazer inferências em um dado texto e assim dialogar com o escritor, debater e confrontar ideias, formular opinião e gerar novos conhecimentos.

Logo, o conhecimento pode estar em toda parte e disponível para todos a qualquer tempo. Mesmo o indivíduo que não foi alfabetizado, possui saberes que foram adquiridos ao longo de suas vivências, no contato com o outro, com a sociedade e os acontecimentos que o rodeia, incorporando costumes, crenças, comportamentos, ideias, causas, consequências e estratégias, conectando, assim, outros saberes (FREIRE, 1989). Todo ser é dotado de saberes, e esse fato precisa ser mais valorizado pela comunidade letrada.

Ler o mundo significa construir saberes por meio das experiências, na elaboração de associações, reflexões e interpretação textual, enriquecendo o sentido do que é lido. E essa carga de conhecimento que cada ser possui, distinta entre os leitores e entre os escritores, determina como as informações serão interpretadas e influencia no conteúdo a escrever. Cada livro, romance, novela, conto ou poema contém, com maior ou menor felicidade, uma leitura do mundo, e ler o que foi escrito é ingressar no registro da memória de uma sociedade e no que ela considera (ANDRUETTO, 2017).

Cada leitor é único, suas experiências e as relações estabelecidas com as informações também as são, e a leitura de mundo acompanhará o leitor em todos os seus passos, lidos e interpretados. Como afirma Andruetto, [...] a leitura é um instrumento de intervenção sobre o mundo que nos permite pensar, tomar distância, refletir; a leitura também é uma possibilidade esplêndida para dar lugar a perguntas, à discussão, ao intercâmbio de percepções e à construção de um juízo próprio (ANDRUETTO, 2017, p. 103 - 104).

Do exposto, a leitura, se empreendida criticamente, vem facilitar o surgimento da reflexão e da tomada de posição. Então, na perspectiva da participação social do leitor, compreendê-la é enxergá-la como ato de libertação e meio de intervenção, posicionar-se e propagar conhecimento, transformar-se e transformar o outro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo demonstrou-se como o ato de ler pode influenciar na formação do sujeito pensante, crítico e o quão a leitura pode afetar a vida do sujeito na sua ação contínua e libertadora. A começar pela etimologia que nos conduz a ação de colher, escolher e recolher, sintetizando uma ação tão complexa quando analisada sob a ótica da significação.

No que se refere à problemática de como a leitura pode contribuir para a formação consciente e crítica do sujeito/leitor, a pesquisa apresenta muitas possibilidades tomando a ideia de um exercício compromissado e contínuo, tendo as hipóteses de significado da leitura dado pelo momento de exercício, realidade social, conhecimentos prévios e leitura dialética de mundo e essencial para descobertas de novos saberes e aprofundamento de outros.

Vale ressaltar a necessidade de se refletir mais acerca da leitura e de como é percebida e exercitada nas escolas e fora dela, como instrumento de intervenção, participação social e ferramenta essencial para aprendizagem efetiva, reconhecendo seu potencial transformador. Reflexão a ser considerada em todas as faixas etárias e níveis de escolaridade, pois todo um estudo demanda da leitura de alguma fonte e de uma capacidade de compreender e interpretar o que é exposto, não deixando de considerar as limitações de cada leitor, respeitando-as e trabalhando a superação.

Acrescenta-se que o professor é a ponte para a formação de um leitor consciente e crítico, a partir do momento em que a escola enxerga e coloca o aluno como protagonista no processo de ensino-aprendizagem, possibilitando um ensino mais significativo.

REFERÊNCIAS

- ANDRUETTO, M.T. **A leitura, outra revolução.** Trad. Newton Cunha. São Paulo: Edições Sesc, 2017.
- AZEVEDO, M.A.; MARQUES, M.L. (Orgs.). **Alfabetização hoje.** 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa - volume 2.** Secretaria da Educação Fundamental I. 1ª ed. Brasília: MEC, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1998.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática.** 2ª.ed., 9ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.
- DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO: Etimologia e origem das palavras. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/> .Acesso em: 20 jul. 2020.
- FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão.** Editora: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FULGÊNCIO, L; LIBERATO, Y. **A leitura na escola.** – São Paulo: Contexto, 1996.
- GAROFALO, D. **Como as metodologias ativas favorecem o aprendizado.** Nova Escola, 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/11897/como-as-metodologias-ativas-favorecem-o-aprendizado>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- LUFT, C. P. **Minidicionário Luft.** Colaboradores: Francisco de Assis Barbosa, Manuel da Cunha Pereira: organização e supervisão Lya Luft. 21ª. ed. São Paulo: Ática, 2009.
- LIMA, M.X.M; ASSUNÇÃO, M.E.P; COUTINHO, D.J.G. Dificuldades na aprendizagem da leitura nas séries iniciais. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 5, n. 11, p. 27823-27833, nov. 2019.
- SOUZA, L. **A leitura no ciberespaço e a cultura virtual.** In Raymundo Netto e Lídia Eugenia Cavalcante (Orgs.). **Curso Mediadores de Leitura.** Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2018.
- OLIVEIRA, M. J. F de. **Jogos para Alfabetização e Letramento.** 1ª ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.
- ROCHA, R. **O menino que aprendeu a ver.** 9ª ed. Editora: Salamandra, 2013

SANTAELLA, L. **O leitor ubíquo e suas consequências para a educação.** In: Patrícia Lupuion Torres. (Org.). Complexidade: Redes de conexões na produção do conhecimento. 1^a. ed. Curitiba: Kairós Edições, 2014, v.1, p.27-44

SILVA, E.T. **Leitura e realidade brasileira.** 6^a. ed. Campinas: Edições Leitura Crítica, 2011.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc.** [online], v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

WEISZ, T. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem.** Edição comemorativa. São Paulo: Ática, 2019.